

Kadical Paulistano

CAPITAL

Trimestre	9000
Semestre	60000
Anno	120000

ORGAN DO CLUB RADICAL PAULISTANO

S. PAULO, SEXTA-FEIRA 16 DE JULHO DE 1869

PROVINCIAS

Trimestre	40000
Semestre	70000
Anno	130000

Publica-se, por ora, uma vez por semana e professa a doutrina liberal em toda a sua plenitude, propugnando principalmente pelas seguintes reformas:

Descentralização;
Ensino livre;
Polícia electiva;
Abolição da guarda nacional;
Senado temporário e electivo;

Extinção do poder moderador;
Separação da judicatura da polícia;
Suffragio directo e generalizado;
Substituição do trabalho servil pelo trabalho livre;
Presidentes de províncias eleitos pela mesma;

Suspensão e responsabilidade dos magistrados pelos tribunais superiores e poder legislativo;
Magistratura independente, incompatível, e a escolha de seus membros fora da ação do governo;

Proibição aos representantes da nação de aceitarem no meação para empregos publicos e igualmente titulos e condecorações;
Os funcionários publicos, uma vez eleitos, deverão optar pelo emprego ou cargo de representação nacional.

ASSIGNA-SE NA TYPOGRAPHIA DO «CORREIO PAULISTANO» E NA RUA DA BOA VISTA N.º 29, AVULSO 300 RS.

Conferencias públicas

O Club Radical Paulistano acaba de concluir os seus esforços em favor dessa instituição democrática, resolvendo encetá-las desde já.

Domingo, 18 do corrente, efectuar-se-ha a primeira conferencia radical, orando o sr. Luiz Gonzaga Pinto da Gama sobre a extinção do poder moderador.

A entrada será franqueada por meio de cartões, os quais se distribuirão às pessoas que os solicitarem, entendendo-se com a respectiva commissão á rua da Boa-Vista ns. 29 e 39.

O Club Radical não conta senão com o povo; para elle appella, nelle confia e só a elle se dirige.

O Club não procura outro arrimo senão a vontade espontânea de seus concidadãos; a distincção de classes é nulla no seu recinto. A igualdade é a sua divisa.

Não ha, pois, distincção de classes, o Club espera de todos benevolamente cooperar nessa ardua empreza liberal.

RADICAL PAULISTANO

• rei-conspira

A sede de sangue, já disse alguém, é um vicio orgânico da raça privilegiada dos reis.

Ou por isso, ou para justificar um golpe de Estado, em regra, facilitando-o ao mesmo tempo com o terror e a perturbação social, é hoje fóra de dúvida que o authocrata de S. Christovão trama um incendio revolucionario no seio do paiz.

Quer ter, talvez, a gloria de apagá-lo. Dar um espectáculo digno de príncipes aos dous augustos prolíficadores de sua raça.

Julga vergonhoso, quem sabe, aos olhos delles uma corte erma de hecatombes humanas, embora rica de dinheiro e do Timandros.

E além do mais, a tournée de 48, a época de Nunes Machado e Pedro Ivo, já vai longe no nevoeiro dos annos, é uma legenda empallidecida, uma saudade apena...
E' pois perfeitamente cabido o bis imperial.

Querem a prova? Está na audacia com que seus alugiasis afrontam de azorrague em punho os brios populares.

A ser preciso definir uma data, ella está no 16 de Julho.

Há justamente um anno, que, dia por dia e em todos os angulos do imperio esbofeteia-se o povo por ordem do rei.

Em toda parte serpea o rastilho que deve produzir a conflagração.

Quando não é o assassinato, a violação do lar, o attentado ao pudor, a prisão arbitaria, a vingança, a perseguição, o processo acintoso, é o desdem, a ostentação do arbitrio, o luxo da força ou o cynismo da ironia.

Quando não é a polícia que esbofeteia, é um senador ou deputado que, em pleno parlamento, desdobra aos olhos da nação attonita a bandeira rubra em que estão escritos os velhos privilegios dynasticos da soberania real.

Dir-se-há que somos a Polonia conquistada!

Pois bem, sejamos Polacos; sejamos pacientes.

Não façamos, a contra-revolução, mas preparemos-a.

Confraternissemos na dor, unamo-nos na resignação, para sermos fortes no dia da desforra.

Entreguemos as ilhargas à vergasta dos carrascos, mas guardemos na consciência — o ódio e a esperança.

São preciosas sementes. Quando a estação chegar, rebentarão dellas a emancipação e a liberdade.

Frustrar a revolução das ruas, a que inspira-se no instante do desespero, a que começava barricada para acabar no exílio ou na forca, é frustrar Victoria certa e facil ao absolutismo, que adrede nos fustiga.

Arremos o povo, sim; mas não com a espingarda; com a idéa, com a consciência do direito.

Em vez de barricadas, escolas.

Só assim ganharemos a última partida. Será, de tal arte, o proprio rei o nosso melhor operario.

Aproveitemo-lo.

O holocausto que deseja para cimento de seu trono, transformem-o nós em apoteose da liberdade.

O rei e o partido liberal

Se a franqueza é a primeira virtude política, o pamphlet liberal que acaba de publicar-se, envolto no prestígio de um nome respeitável, é um acontecimento grave e sécundo.

E' o exame de consciencia de um partido moribundo, que definha exhausto, a espera do aniquilamento que se aproxima, para transfundir-lhe o espírito na grande alma do povo, e purificá-la a seiva corrompida nas fontes da democracia, d'onde hede brotar o novo princípio, o princípio regenerador de nosso organismo governativo.

Prova irrefragável d'este parecer encerram os factos expendidos no escripto que analysamos.

O que é que constitue um partido senão as tendencias geraes que o caracterisam, as idéas praticas que procura effectuar e as tradições historicas em que se personifica? Ora o partido liberal, não esse que consubstancia as aspirações democráticas do paiz, comunhão ideal, vaga, indefinida, sem programma e sem directores, mas esse grupo numeroso de sectários que, inculcando propensões populares, tem senhoreado em breves intervallos o governo do estado, este partido intitulado liberal, conquanto em certas epochas haja campeado á frente do movimento nacional, tem, entretanto, abjurado na applicação os preceitos fundamentaes do seu credo, sancionando, já com o apoio de suas forças, já com a humilde resignação do silêncio, as conquistas fataes do absolutismo.

A causa d'esse envenenamento gradual, porém certeiro, que tem consumuido este corpo extraordinario, é o predominio exclusivo, arrogante, aristocratico dos chefes, que, infieis á sua causa, concentram a accão, monopolisam o poder e supplantam os interesses communs. O partido encarna-se n'un individuo e identifica-se com elle, abdicando o pensamento, a vontade e a energia.

A historia do partidoliberal tão brilhantemente desenvolvida pelo illustre pamphletista, é uma serie de transacções com o preconceito monarchico. As mais ponderosas necessidades da politica democratica foram sucessivamente immoladas á manutenção de certas formas absurdas e opressivas; as idéas liberaes avalidas, cerceadas, vendidas no balcão da realza e ovenerando symbolo americano calumniado n'uma constituição despotica. Em todas estas impurezas nodoaram-se as mãos d'esta parcialidade que se apregoa nacional, mas que não transcende de um directorio fraco, ambicioso e desleal.

Não era liberal o partido que, em 1822, aniquilava a iniciativa popular, precipitando-se desvairadamente nos braços de

um herdeiro da tyrannia colonial, e plantando arbitrariamente um sistema de exemplo de Derby em 1864! Será partido liberal esse que ainda quer disputar aos cortesões do rei as migalhas de seu desdenhoso vestimento?

Será ainda ingenuidade este juizo após a declaração de guerra formal, estrondosa, inaudita, que fez o rei ás idéias democráticas?

Por isto é que, em nosso entender, esse partido jaz hoje em decrepidez.

Actualmente só ha um partido digno da fé, do amor e das esperanças da patria: é o radicalismo que nunca se conspurcou ao contacto da purpura, que odeia os disfarces, que não aceita relações com o passado, que repelle os compromissos, trabalha pela reforma profunda, completa, duradoura.

Que magnifica surpresa não foi para nós encontrar admittidas e defendidas calorosamente pelo exímio estadista em seu pamphlet todos os grandes artigos do nosso programma: a abolição do poder moderador, a temporariedade do senado, a emancipação do elemento servil, a electividade dos presidentes!

Se as conveniencias melindrosas da sua posição obrigaram o insigne jornalista a não arregaçar completamente o veu, na apreciação histórica, ninguém se atreverá a condemnar o perante a audacia, a inteligência e a abnegação que patentou pugnando pelas nobres idéias radicais.

O que, porém, infunde a este pamphlet o seu character de insolita ousadia é a firmeza de convicções, a tendencia republicana que em todo elle se revela e que se une no seguinte periodo:

« Era mister não olvidar que rei e democracia são cousas que se repellem; um é o permanente destruidor do outro, e quando, por exceção, se consegue casal-os, dá-se ao mundo um espectáculo repugnante, e sempre irrisorio, por quanto um dos assim consorciados deve sempre nullificar o outro. »

Nossos fervorosos parabens ao paiz e ao egregio democata!

De que occupa-se a corte de d. Pedro II

Foi ultimamente distribuída por todos os angulos do imperio, e particularmente ás redacções de jornais, naturalmente para que a propaguem pela imprensa nas provincias, a Circular que damos abaixo.

Griphamol-a em alguns topicos para maior realce de tão curiosa peça:

« Illm. Sr.

• Tendo sido fundada nessa Corte no dia 16 de Julho de 1868 uma sociedade denominada Jockey-Club, com o fim de dar corridas de cavalos, e tendo sido designados no regulamento respectivo os meses de Maio, Julho e Setembro para nelles terem lugar as tres grandes corridas annuas da sociedade, effectuou já a directoria no dia 16 de Maio a primeira corrida deste anno, cujo programma a esta vai junto, e cujo relatorio foi publicado no Jornal do Commercio do dia 30 de Maio proximo passado.

« A directoria, porém, comprehende que uma sociedade desta ordem, que influencia poderosamente no melhoramento da raça cavallar, não deve ficar circumscreta á Corte, e sim pelo contrario espalhar-se pelas provincias, sobretudo por aquellas em que ha establecimentos de criação de cavalos: por este motivo convida a V. para fazer parte da dita sociedade, ou pelo menos ajuda-la na organização das corridas concorrendo para estas com cavalos de sua propriedade.

« O programma para a proxima corrida de 25 de Julho se acha publicado no Jornal do Commercio do dia 13 do corrente nas declarações debaixo do titulo Jockey Club, e nelle se acham especificadas as diferentes corridas com os seus premios,

condições, entradas e pesos correspondentes.

« Além disto, devem ser observadas as disposições do regulamento de corridas da sociedade, o qual juntamente envia mos a V. ; nos seus diferentes artigos verá V. o que não nos é possível explicar suficientemente nesta carta.

Qualquer comunicação que V. tenha de mandar-nos, pode dirigir-a à rua do Ouvidor n.º 49, ao 1.º secretário do Jockey Club.

« Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1869.

— *Mariano Procópio Ferreira Lage*, presidente.— *Henrique José Teixeira*, 1º secretário.

— *Felisberto C. Paes Leme*, 2º secretário.— *Eduardo Augusto Pacheco*, tesoureiro.— Directores, *José Dias Delgado de Carvalho*.

— *Dr. Fernando Francisco da Costa Ferraz*.

O sr. d. Pedro II não pára

Ha muitos annos que se espalha pelo paiz o terrível boato de que o sr. d. Pedro II se prepara, para proclamar-se de direito o imperador absoluto desta terra de Santa Cruz.

A princípio esta nova correu por entre o povo, como um écho débil e frouxo, não lhe causando sérios cuidados, nem profundos receios; mas foi, com o correr dos tempos, criando corpo, e hoje tem tomado proporções assustadoras, e que ameaçam, sobre modo, o futuro dos infelizes filhos deste paiz.

E preciso, pois, que o povo esteja alerta, que estude os acontecimentos políticos do seu paiz, e a marcha do governo do sr. d. Pedro II, para não ver-se, de um momento para outro, sem essa pequena apparecção de liberdade, que ainda conservamos, e a braços com um despotismo sem freio, rodeado dos poderes os mais arbitrários e assustadores.

A nação brasileira deve estar alerta; Napoleão III, na véspera republicano, proclamou-se no dia seguinte imperador dos franceses; d. Pedro II, hoje, aparentemente, rei constitucional, poderá amanhã, com mais facilidade do que o tirano da França, assumir de direito o título de imperador absoluto do Brasil.

Esta previsão não é um fruto de imaginação; pelo contrario, é uma consequência immediata e necessaria do sistema, que o nosso monarca tem seguido no governo desta desgraçada nação.

Fazendo-se revolucionário com os liberais, o sr. d. Pedro II apossou-se da coroa brasileira antes de ter a idade precisa. Dias depois enchotava do poder aquelles que o haviam erguido, para chamar aos conselhos da coroa os maiores inimigos da liberdade. E a reacção que seguiu-se depois, os actos arbitrários que se committed, as leis anti-constitucionais que se decretaram nessa triste época, deram bem a conhecer as intenções assustadoras do então jovem monarca.

Mas a alarmá que estas medidas provocaram no paiz, e as revoltas a que deram lugar, fizeram ver ao sr. d. Pedro II que esse caminho não era o mais conveniente e seguro, para a realização de seus fins.

Então começou o imperador a estabelecer as bases desse sistema, de que a Conferencia dos Divinos nos fala com tanto brilhantismo e não menor veracidade.

A violencia traria em resultado a reacção, e esta não deixaria o despotismo assentear tranquilmente os alicerces do seu edifício; o meio da corrupção foi pois o aconselhado; este iria pouco a pouco tudo destruindo, e afinal transformaria o Brasil em um deserto de homens, em uma cega multidão de miseráveis e de escravos, a cuja sombra poderia o absolutismo abrigar-se, livre de temores e exempto de obstáculos.

Assim tractou-se de corromper os homens, para mais tarde desmoralizar-se os partidos; e nestas condições, o paiz, descrente dos primeiros e sem esperança nos segundos, necessariamente se lançaria nos braços da monarquia, como o seu único salvador, como o edifício que sómente se tinha podido manter, no meio das ruínas que o paiz apresentava.

O plano assim foi concebido, e melhor executado.

Tudo se corrompeu, tudo se desmoralizou, colhendo o povo, em face dos destroços dos seus homens políticos, e dos partidos, que elles representavam, um único sentimento—a descrença.

Tinha então saído a hora de nosso imperador, o mais liberal do mundo, apresentar-se, de peito descoberto e à luz do meio dia, para proclamar-se o único homem desta nação, o senhor absoluto desse povo de escravos.

Mas Deos, que observa as cousas humanas e não desampara a sorte de seus

filhos, fez reflectir sobre o trono a corrupção dos seus servidores, e estender-se ate elle a descrença do povo.

E o imperador via-se no meio do deserto em que havia colocado os partidos e os homens, que foram chamados ao governo do paiz.

Tudo estava portanto perdido; os homens desmoralizados, os partidos sem organização e sem prestígio e finalmente, até o proprio trono, a salvação única no meio destas monstruosa catastrophe, se achou submerso.

Pareceria, pois, que a ultima hora havia saído para este paiz, e que elle teria de ir buscar o caminho da decadência, antes mesmo de haver conhecido o da gloria. Mas o nosso paternal monarca, fertil em engenho, não podia de modo algum deixar falhar os seus intentos; batido por um lado, era-lhe preciso buscar recursos em outro.

Assim procedeu, e hoje nós o vemos no firme propósito de militarizar o paiz, por meio dessas celebres reformas da guarda nacional, da organização do exercito e do recrutamento.

Napoleão III fez-se absoluto com o auxilio dos soldados franceses; d. Pedro II, pôde ser tão feliz como o primeiro, se tentar o mesmo resultado.

Tracta-se, pois, actualmente de transformar o povo brasileiro em um exercito, o que sendo conseguido, o monarca se proclamará rei absoluto deste imperio, e senhor despótico deste povo escravizado.

E note-se que o sr. conde d'Eu esteve na colaboração de parte desta obra monstruosa.

Mas o sr. d. Pedro II não se deve esquecer que Deos, lá do alto, dirige os destinos das nações, e que as armas das do soldado para defender a causa do rei, podem servir ao cidadão para salvar a causa do estado.

Sob a farda do rei, que cobre o peito do soldado, bate o coração de um homem que ama a liberdade, de um cidadão que quer a glória e a prosperidade da patria onde nasceu; as armas do rei podem pois se voltar contra o rei.

Entretanto, a nação deve estar attenta; não é sómente a vergonha e a miseria de uma guerra desastrada e de uma bancarrota que ella deve temer, é tambem o desaparecimento desta sombra de instituições que nos temos, e que poderá, de um momento para outro, ser substituída pelo despotismo o mais descarnado e medonho.

E preciso termos os olhos attentos para o que faz o poder. O sr. d. Pedro II não pára; acompanhemol-o pois.

Os politicos d'El-rei

Em todos os paizes que se governam, ou presumem governar-se pelas formulas constitucionais, ha certa classe de homens, a que o vulgo, por um equívoco singular, intitula estadistas natos, mas que os homens reflectidos e francos conceituam como especuladores ou saltimbancos políticos.

No Brasil, onde a constituição não é mais que um puro nome, esta especie de individuos constitue, por assim dizer quasi a totalidade dos nossos grandes homens publicos, verdadeira praga, mais damnifica que a dos gafanhotos egipcios.

Tal é o flagelo que tem ceifado até hoje, n'este paiz a formosa seara da democracia.

A cada symptom, a cada manifestação de um capricho imperial surgem elles aos centenares, de inumeros escaminhos, promtos, inesperados, abundantes como cogumelos em dia inverno.

A consciencia d'esses homens é um enigma tão indecifrável como o absurdo, por quanto para elle só ha uma chave—o interesse.

Ora o interesse é tão multiforme, tão obscuro tão flexivel, tão enredado, tão sabio, e contraditorio, que não ha entendimento profundo que o possa prever, nem deslindar.

E monopólio dos mestres do officio. Essa laia de gente vive sempre rodeada de armadilhas.

São misteriosos, profundos e circunscritos como um brahmane.

Cada palavra que se lhes despega dos labios encerra no amago um sophisma.

As phrases que proferem são vãs, ambigüas, duvidosas com os oráculos das antigas sybillas.

Em compensação não ha mencios tão imponentes, nem parecer tão magestoso como o seu.

Debaixo d'essas enganadoras apparenças, d'esse ar inspirado, d'esse fallar

reservado e propheticó, não ha senão o vazio, o nada.

Tudo o que ostentam, dizem ou prometem não passa de superficie. A poder de occultar, disfarçar, e falsificar a verdade chegam a perder de todo as convicções. Naquellas almas só ha um principio, a ambição pessoal, só ha uma inspiração, o medo; só ha uma norma, a dissimulação.

Justiça, lealdade, senso moral são phantasias chimericas para esses abortos preteniosos da natureza humana.

Seu termo predilecto é a prudencia, impertinente bordão com que impugnam todos os sentimentos generosos, todas as crenças nobres, toda as emprezas feudas e audazes.

E que a prudencia é uma rede vasta, subtil, impermeável, por onde nada se pode transmalhar.

Para elles o primeiro predicado de um partido regular é a tibieza e indecisão das idéas, o respeito ás susceptibilidades imperiais, a deslealdade punica para com o povo; em uma palavra—a probabilidade de uma ascenção proxima ao poder.

Ora, como a adopção de um programma sincero, positivo e liberal importa um rompimento formal com o monarca, um protesto desenganado e peremptorio contra as seduções do governo, uma recusa previa e inabalável a todas as transações, não ha nada que tanto os afugente como o radicalismo.

Preferem os conservadores a nós!

Entretanto, se a occasião o reclamar, não trepidarão em insinuar-se republicanos, mas isto a medo, em segredo, quasi imperceptivelmente como se receiassem que a consciencia os ouvisse.

Nem isto: não é a consciencia que tem porque já a mataram, mas sim aos familiares da real inquisição, polícia extraordinaria que vê e sabe tudo.

Se alçardes uma bandeira resplandecente de esperanças mas antipaticas á actualidade, dir-vos-hão paternalmente: « Sois temerarios. Vosso principio é real, vosso designio louvaveis, vossas reformas excellentes, mas não para já. Somos vossos amigos; a experiencia nos confere o direito de guiar-vos. Confia em nós... Teimais? Pcs bem! não conteis com o imperador. Assim nunca sereis governo. E' preciso tino, crengas! »

Tal é a sua linguagem; tal o seu character.

Como se vê, confundem o tino com a filiaça.

Na oposição são inexgotaveis em recursos de estrategia.

Algumas vezes chegam a ser atrevidos, mas é para que pela vehemencia da agressão possa calcular-se a energia de que dispõe para a defesa.

O rei já os entende.

E' uma justa de eloquencia em que elle escolhe os gladiadores.

Circunstancias ha em que não vacillam em descobrir a coroa, proclamando como desacertos as resoluções imperiais.

Se exigirdes, porém, que perfilhem a consequencia, aventando a abolição do poder irresponsavel, recuarão subitamente como se uma brasa os tocasse.

Clamarão, quando a conveniencia pessoal o exigir, contra a impureza das eleições, contra a opressão do voto, contra a infidelidade do mandato legislativo.

Se, porém, mantendo o mesmo pensamento, procurardes forçal-os a confessar claramente que taes assembléas, alheias à vontade popular, não podem ser representantes do paiz, negarão redondamente o facto que tinham enunciado.

Se disserdes que o governo representativo está degenerado, que não existe, que nunca se effetuou entre nós, levarão as mãos à cabeça cheios de alvoroço.

« O que ha, bradão! elles, são vicios, vicios graves com efeito, mas que se podem remediar por meio de certas modificações no sistema. »

Acontece até que, em momentos de rapida insanía, chegam a pronunciar o nome de revolução.

Logo, porém, que o monarca lhes diz pela boca dos ministros: « Então, ameaçais-me? »

« Perdoae-nos, senhor, respondem arrependidos, o que exprimimos não foi uma ameaça, mas uma previsão, uma prophecia, uma revelação daphilosophia histórica. Nós seremos sempre vossos cabos. Ponto está em que não nos esqueçais. »

A pezar do tudo isto, se amanhã, por uma transformação inopinada e prodigiosa, triunphasse o credo radical, esses mesmos homens seriam os mais sofregos, os mais phrenéticos, os mais devotados atletas da nova constituição.

Sycambros politicos, que apedrejam a

tarde o mesmo sol que adoraram ao alvorecer!

Vendilhões de programmas, que conservam a consciencia sempre tincta nas cores do brasão imperial!

São os liberes com que s. m. escravisa o povo brasileiro.

Nós, radicais, só lhes dedicamos compaixão, ou desprezo.

Quereis conhecê-los?

Estendei a mão para o alto, quer de um, quer de outro lado, e fechae-a, que acertareis sem falta.

E' sempre nas eminentias que pairam esses abutres.

O povo não presta para nada

O povo não presta para nada: eis a terrible sentença que, do alto do poder, dos regios conselhos de s. m. partio, como um raio, para fulminar os filhos desta pobre nação.

O povo é indiferente á causa publica, não tem a dignidade suficiente para fazer garantir os seus direitos, nem, tão pouco, intelligencia illustrada, para conhecê-los: são estas as duas expressões com que os arautos do absolutismo, os archeiros do nosso divino imperador mimoseiam os cidadãos deste paiz.

O povo é, pois, para elles, uma pura machine, cujo unico prestimo é o de uchar o carro triumphal do soberano senhor desta terra, e o de sua muito patriotic e illustre corte.

E deste modo, o imperador, rodeado da sua turba de aulicos, resumio em si esta nação, estreitando este vasto território nos pequenos limites da quinta de S. Christovão.

O povo não tem o conhecimento dos seus direitos, não pôde, portanto, pensar sobre os negócios de seu paiz; o imperador decidiu, pois, pensar por elle.

Não tem a dignidade bastante para fazer garantir a sua pessoa e bens; o imperador resolvo, em seu alto conceito, que teria dignidade por elle, que só a sua pessoa bastaria para representar a de todos os cidadãos deste imperio vastissimo.

O povo não presta para nada; emfim, o supremo divino, entendeo, à vista disto, presar para tudo.

Mas, e isto é uma verdade, se o povo não quer saber da causa publica, e a abandonar aos grandes, aos sabios, aos poderosos, aos ditinos; aquelles que, para tudo prestam, que tudo sabem e que tudo prevêem, não é elle, por certo, o causador dos nossos males, mas aquelles que lhe tomaram o lugar, assumindo a si os poderes que competiam á nação.

Se, pois, o estado do paiz é miserável, em relação a todas as faces; porque pôde elle ser encarado, quem é o culpado? qual aquelle que se deve sentar no banco dos réos? não será, por certo, o povo, mas os que o têm governado; aquelles que têm tudo neste paiz: o poder irresponsavel, a fortuna, as honras, o prestigio e todas essas grandezas que elevam os fracos mortais.

E são estes homens, que tudo têm roubado do povo, os bens, a liberdade, a honra e a grandeza; que ainda ousam lançar-lhe o insulto sobre as faces, e criminá-lo, de certo modo, pelo estado degredante em que se acha o paiz!!

E de mais, os homens do poder tiram aos cidadãos deste estado tudo quanto elles têm, e não contentes com isto, ainda se julgam com o direito de injuriá-los. Tanto peior para vós, srs. divinos, e melhor para a causa da democracia.

Daes a miseria e a vergonha a esta nação, e não contentes ainda, cuspis sobre a fronte de seus martyres.

Ha em tudo isto um fundo de verdade, e é que ainda não souo para este degredado paiz a hora da justiça; mas ella ha de surgir, por entre as lagrimas e o sangue das victimas, e ao som dos raios e dos trovões da cholera popular.

E nesse dia, horrivel e sublime, em que os tyrannos da patria terão de envolver-se no pó das praças, se erguerá, sobre este solo livre da America, a soberania de um povo, grande e nobre, conquistando os seus direitos roubados, e

O prestigio do seculo e da materia tinha cegado os sacerdotes christãos, e esta cegusira foi o prognostico da decadencia da igreja romana.

Estes factos estão na historia dos povos, e não podem ser contestados nem pela critica mais parcial.

Mas, deixando de parte estas considerações que se prendem ao passado da igreja christã, vejamos o estado em que elle hoje se acaba:

O Chefe da Christandade, o Summo Pontífice, preso ás quatro paredes da cidade Romana, não pode dirigir livremente as suas ovelhas. Querendo conservar, não por meio da força da convicção, único poder que a igreja possue, mas pela força das armas francesas, os restos de um poder temporal, que se vai desmoronando por si mesmo, Pio IX tem sido antes um instrumento da politica de Napoleão III, do que uma auctoridade soberana dentro do territorio do seu reino, até mesmo no proprio mundo das relações espirituais.

Este facto que escandalisa a christandade, coloca o Papa em unia posição de desrespeito e antipatia, prejudicial a elle, e sobre tudo ao grande rebanho que elle tem por missão dirigir e salvar.

Esta dependencia em que se acha o Chefe da Christandade em relação ao poder de Napoleão III coloca-o n'uma posição de dependencia, que o abate em vez de elevar-o, escravizando-o não só nas manifestações do seu poder temporal, como até na practica dos actos que lhe são privativos por sua natureza eccliesiastica.

E' na realidade triste este espectaculo da curia romana, e de uma gravidade suprema, tanto para o presente da christandade, como principalmente para o seu futuro.

Mas, não é sómente por este lado que a igreja christã se apresenta escravizada e sujeita ao predominio do poder civil.

Em todos os paizes, onde, por infelididade da igreja de Christo, foi esta adoptada como a religião do estado, sujeita à protecção e fiscalização dos poderes, dos soberanos da terra, o mesmo facto tem lugar. Ahi, bem como na cida de eterna o poder espiritual é manivella do poder secular; é um instrumento de sua politica, de seus interesses mais ou menos illegítimos; ahi, comolá, a igreja de Christo não é uma soberana livre e independente, senhora de suas accões; pelo contrario, é uma dependencia do poder secular, do qual ella precisa, para ter o placet nas suas leis e na execução de seus decretos.

Esta ordem de cousas é excessivamente prejudicial à igreja, não só porque lhe rouba o que ella possue de mais nobre e necessário: a sua independencia e soberania, como tambem a prejudica em seu livre progresso e desenvolvimento, cercando a sua marcha luminosa através do espaço e do tempo.

A maxima — igreja livre no estado, livre — não é sómente a tradução fiel de uma verdade politica, e de uma necessidade social, é tambem uma verdade christã, é um principio tão necessário à igreja, ou mais ainda, do que ao proprio estado.

A igreja não pode, por sua natureza e pela elevação de seus fins, estar preza, ou sujeita ao estado; e essa protecção, que os poderes temporaes lhe concedem, é mais uma forte cadeia, que a esmagá e dilacera, do que a abertura de um caminho liso, por onde ella possa caminhar e progredir desassombroadamente.

E' preciso, pois, para bem da igreja, que esta seja livre; e isto se não poderá conseguir, senão com a plena e ampla liberdade de cultos.

A verdade não pode temer a liberdade, nem a discussão; só o erro precisa das trevas e da protecção.

No dia, pois, em que a igreja do Christo se apresentar em face do mundo com o brilho de suas proprias roupas, com a força do seu unico poder e o prestigio de suas sublimes e puras doutrinas ella terá conquistado a sua ampla e completa vitória.

TRIBUNAL DE JURY DA CAPITAL

Contra expressa disposição de lei, hão sido, por duas vezes, na presente sessão, interrompidos os trabalhos do tribunal de jury.

Tem sido causa destas extranhaveis interrupções, o facto de haver o meritissimo presidente do tribunal de comparecer ás juntas de justiça, convocadas pelo governo, para julgar réos militares.

São illegaes estas interrupções, além

de alguma prejudiciais aos direitos dos réos, porque as sessões do jury devem durar 15 dias sucessivos, incluidos os dias santos, e só poderão ser prorrogadas por mais 3 ate 8 dias, quando o conselho de jurados, por maioria absoluta de votos, decidir que isto convém, para ultimação de alguns processos pendentes. (Cod. do Proces. crim. art. 223.)

A suspensão dos trabalhos do jury aos domingos, tem profundamente serem dias guardados em honra de Deus. (Av. de 20 de Outubro de 1833.)

Findos os dias de prorrogação ultima-se a sessão, ainda que haja processos preparados para serem submetidos a julgamento. (Av. de 26 de Outubro de 1833.)

Por primeiro dia de sessão do jury se deve contar aquelle em que começar o exercicio efectivo de suas sessões. (Av. de 2 de Abril de 1836.)

As sessões do jury devem efectivamente ser diárias e sucessivas, ainda que aconteça não haver que fazer em algum dos dias, lavrando-se a acta, com a declaração de se haverem reunido o juiz, escrivão, promotor e jurados, e estes levantado a sessão POR NÃO HAVER SOBRE QUE DELIBERAR O JURY. (Aviso de 16 de Outubro de 1838.)

Destas clarissimas disposições evidencia-se, que os prazos dentro dos quais funciona o jury, são fatais; e que os réos que não forem submettidos a julgamento em uma sessão, e que por motivos alheios da sua vontade, ficarão presos por mais 4 meses, até a sessão seguinte, em que serão julgados.

Não cabe, pois, nas atribuições do governo, interromper os trabalhos do jury, ao seu alvedrio, privando dest'arte, que os réos presos sejam de prompto julgados, e venham a sofrer prisão injusta.

Nem deve o distinto magistrado presidente do tribunal do jury, prestar-se à similhantes transgressões do nosso direito escrito; mas dosobedecer, com a dignidade que lhe infundem a lexe e a independencia do poder judiciario, as ordens injuridicas do poder executivo.

Os magistrados são pagos pela nação para servirem ao povo, executando estritamente as leis, e não para cumprir submissos as ordens desarrasoadas dos governos, com menoscabo da justiça, detrimento das partes e affronta à moral!

Mais um escândalo

O cidadão portuguez Bento Pinheiro Cardoso, que teve degrada de prestar homenagem ás ideias liberaes, e que, sem intrometer-se nas luctas politicas do paiz, apoiava moralmente os progressos e triumphos da grande causa da democracia, foi grosseira e violentamente recrutado pelo delegado de polícia da cidade de Mogy das Cruzes, e remettido a vítima, sob prisão, para esta cidade.

Foi uma desfeita policial; uma bofetada dada com a lei nas faces de um estrangeiro pacifico.

S. ex. o sr. presidente da província mandou pôr o paciente em liberdade; mas esqueceu-se, ou de propósito deixou de mandar responsabilizar o delegado prevaricador pela violação manifesta do que se acha disposto nas instruções de 10 de Julho de 1822, decreto n. 2171 — do 1º de Maio de 1838, e ordem do dia n. 276 — de 26 de Agosto de 1861.

E' verdade que s. ex., correligionario politico do delegado de polícia de Mogy das Cruzes, não ousará punir a malversação do seu digno agente, que por modo tão indigno e capeloso, vinga-se dos seus desfechos politicos.

Tal é a triste administração de justiça que desmoraliza e corrompe os brasileiros.

Deixemos, porém, passar este esquálido cortejo de Sardanapalos togados, que, dominados pela devassidão governamental, arrastam por sobre o lodo do imperialismo a trábia de Themis.

Não nos assustem as iniquidades dos despotas, porque grande é a justiça de Deus.

CORRESPONDENCIA

ORDEM DA CORTES, 11 de Agosto

As notícias desta corte bragantina nos ultimos dias são sem importância.

A casa dos designados procura mais sem resultado durar — as pillulas do ministro da justiça.

Essas pillulas são os projectos de reforma do pobre homem que por alicunha se chama o — fanatiko.

Reformas para rir — tal deve ser o titulo dessa grotesca comédia da dictadura Itaborahy.

Mas a farça é antes tragica do que ridícula, porque no meio de tudo isso estão as lagrimas e sofrimentos do povo. Desde que a dictadura do sr. d. Pedro está cercada de cadaveres, cadaveres de 1842, 1848, e 1868, desde que a miseria caminha a passos largos para este povo infeliz; já não é possível senão o riso nervoso do reprobo, ou o riso de compaixão do povo contra a dictadura que delira.

A loucura parece viver nas altas regiões do governo, e uma das provas mais evidentes deste facto está na declaração feita pelo sr. Itaborahy a respeito da guerra.

Ele prefere mandar retirar o exercito, abandonar a guerra, a fazer a paz com Lopez!

Ele declara que o tempo que deve durar ainda a guerra está marcado, e que se dentro desse prazo não conseguirmos uma victoria decisiva então será a guerra abandonada!

Estas declarações são tão temerarias que não ha censura para fulminar-as.

Porque o sr. Itaborahy ousa fazer semelhantes declarações, quem é que está atras desse homem empurrando-o para o abysmo? Porque o sr. d. Pedro 2º não demite imediatamente um gabinete que poe em perigo a honra nacional?

Lopez dentro em poucos dias ha de ter

conhecimento destas declarações, e, portanto, pela imprudencia do governo de S. Christovão, ficará sabendo que lhe

será bastante resistir por mais algum tempo para sahir com honra desta lucta.

que nos tem custado tantos sacrificios.

A declaração do sr. Itaborahy assemelha-se muito a uma traição.

O celebre Itaura seguiu para a Europa como faca, minceza. Entre os velhos servidores foi elle o preferido pelos bons serviços que tem prestado á corte bragantina do sr. d. Pedro 2º.

Os senadores liberaes continuam no triste papel de oposicionistas da dictadura. Os seus conselhos de abstenção foram sómente dados para o povo, e por isso elles legalisam com a discussão os attentados do poder legislativo.

Pobres homens! Devendo tudo quanto são ao rei, falta-lhes coragem de bem servir ao povo. Vivem a fazer venias e cartas para um e outro lado.

E curioso que o partido liberal tenha cahido nas mãos dos Zacharias, Saraiva, Nabuco, Olinda, e outros, todos de origem conservadora. Aonde estão os liberaes de origem liberal, porque entre os elles a direcção de seu partido a esses homens? Será porque serão elles os mais habéis? Não; é porque são simbolicamente os mais cortezãos.

Não é sem motivo que faço estas observações. Falla-se em uma nova fuzão sendo chamado o sr. Saraiva. Dizem que a casa dos designados entra na combinação de mais esta monstruosidade.

Seja tudo pelo amor de Deus.

COLLABORAÇÃO

ONSSO GOVERNO

Ha muito que se diz existir no nosso paiz o governo pessoal; debalde os aulicos se esforçam em demonstrar o contrario; hoje porém, não nos resta a minima duvida a respeito de sua existencia. Ia este anno o proprio senhor ministro da marinha o declarou em pleno parlamento.

Para nos não era preciso que um ministro o dissesse, pois, de ha muito combatemos este mal, e o faremos sempre, prestando com isso um serviço ao paiz, que não pode e nem quer por tal forma ser governado.

Vejamos as verdadeiras causas de semelhante governo, que até hoje tem-se inculcado como representativo, quando alias é um governo verdadeiramente despotico.

Entre nós não é dependente do poder moderador; elle nomeia e demite ministros que, se não encontram apoio nas

camaras, e tem as boas graças do poder que os nomeou, facilmente dissolvem as camaras, mesmo sem que o exija a salvaguarda da nação; circunstancia esta que a nossa constituição exige, e da qual prescinde sempre o poder moderador. E' nestas condições que precede sempre este poder com o unico fim de manter a harmonia e equilibrio dos demais poderes politicos.

Dissolvida a camara, tracta o ministerio de compor a alta administracao, unica e exclusivamente de seus amigos;

Reformas para rir — tal deve ser o titulo dessa grotesca comédia da dictadura Itaborahy.

Mas a farça é antes tragica do que ridícula, porque no meio de tudo isso estão as lagrimas e sofrimentos do povo.

Esta ordem de cousas parece perdurar, ao menos enquanto o nosso sistema de eleições não for alterado; subsistir a guarda nacional, e o executivo e o imperador forem tudo neste paiz.

Tudo isto serve para provar que as nossas leis são pessimas, apesar dos homens da escola da autoridade não se cansarem em dizer que o defeito não está nelas, mas nos homens que as aplicam.

E' aqui vêm os elles nos chamarem de anarquistas e revolucionarios, quando estas qualificações, lhes cabem exclusivamente, que estão provocando e precipitando os males que queremos evitar por meio das reformas. Queremos, é verdade, a revolução, mas a revolução moral, a que se opera nas idéias; a outra é privativa dos maus governos, dos perseguidores e inimigos do povo e das más instituições. Ambicionamos, não ha dúvida, a revolução das idéias, e por isso que procuramos doutrinar o povo, e preparar-lhe o espírito; mas esta revolução não a teme nem tem o governo justo e moralizado.

E' para lastimar a falta de instrução em que o nosso povo vive, sendo este paiz tão fertil em recursos, e ao mesmo tempo o seo governo tão parco em enlamar mão deles em favor dos pobres filhos desse imperio. E' força corvir, que no nosso paiz só existe de facto um poder; poder irresponsável; apesar de dizerem que elle jamais poderá fazer mal, como se o poder que lança o paiz n'uma reação, podesse ser irresponsável, e praticar só o bem.

Dahi a necessidade de sua abolicao.

E' Portugal a unica nação d'Europa que possui semelhante monstro, e isso por que sua carta é obra do mesmo Augusto senhor qua fez a nossa.

A sua abolição é de grande utilidade, pois que a sua simples vontade pode mudar uma situação nas circumstancias em que as cousas se acham.

Não declamamos; ainda ha pouco dizia no senado o sr. Saraiva, quem não pode ser taxado de suspeito nessa matéria; pois que está ligado a um grupo, que quer conservar semelhante poder, mas com a responsabilidade. O sr. Saraiva assim se exprimiu — O poder pessoal do rei, que consiste em fazeres situações politicas é um poder que lhe não aprova e faz mal.

O rei deve ser o primeiro interessado em descartar-se de um poder que aniquila as liderades publicas, por não ter o correctivo da liberdade eleitoral....

O sr. Ottoni. Apoiado.

O sr. Saraiva, expõe as dificuldades que um dia não poderá superar o Rei, repito, deve ser o primeiro em abandonar esse poder, mesmo sendo as reformas eleitorais, porque esse poder é uma anomalia, é um grande peso.

E' esta uma verdade incontestavel.

Será exacto que o nosso governo seja representativo?

Parece-nos que não, a sua base, a eleição, é obra dos presidentes, que tecem por missão eleger aos amigos do governo.

Voto livre!

E' na realidade um escarnio, foi coisa que nunca existiu entre nós! A propria falta do trono de 68 reconhece esta verdade, e pedia ás camaras leis que garantisse a liberdade do voto, que a nosso ver é impossivel existir com a lei da guarda nacional, poderoso meio de compressão. Sua abolição parece-nos uma necessidade, mas o actual ministro da justiça assim não pensa, quer ainda mais apertar o circulo de ferro em que vive o pobre povo; mas, felizmente o seo projeto de reforma, dormitará eternamente em sua pasta, prenhe d'outros tantos, que parecem ter a mesma sina.

A bossa reformista do nobre ministro não inspira muita confiança á propria camara que o apoia, e que parece disposta a repelir inimime todas as suas reformas.

E' inquestionavel que a principal fonte

do governo pessoal é o poder moderador, pelo que, o simples bom senso reconhece a necessidade de sua abolição, que já se fez sentir em 31 no projecto de reforma apresentado pela cámara dos deputados ao senado, que dessa vez, como sempre, patenteou pouca respeito à opinião do paiz, mutilando completamente o referido projecto.

Dizem que somos governados liberalmente; não o cremos, os factos protestão e demonstrão o despótismo de um poder, que pôde tudo, praticando sempre funestas reacções, a título de manter a harmonia e equilíbrio dos demais poderes políticos.

Como mantém essa harmonia um poder, que precisa ser harmonizado?

Qual o carácter de imparcialidade desse poder, para ser inacessível às paixões?

Não podemos compreender semelhante teoria, que tem feito sofrer bastante este paiz; por nós fallam as epochas de 42 e 48.

E preciso que nós, americanos, nos esforçemos pela abolição desse poder, que deve chamar revo lucionario e não moderador; só assim baniremos o despótismo, habilmente inoculado pelo sr. d. Pedro I na carta que nos foi servido dar.

O projecto da constituinte não reconhece senão tres poderes distintos, mas o sr. d. Pedro I querendo firmar bem o predomínio de sua família dissolveu barbaramente constituinte a 12 de Novembro de 23, arvorando-se elle e mais dez dos intimos conselheiros em assemblea constituinte, enquanto os verdadeiros representantes da nação eram perseguidos e desterrados.

E nestas condições recebemos do sr. d. Pedro I uma constituição, para a qual a nação não concorreu com os seus representantes, como dizem os conservadores.

Pedimos a abolição do poder moderador, porque o julgamos incompatible com a nossa liberdade; não o queremos só para que possamos dizer, que a pessoa do monarca, altamente colocado, seja a unica capaz de despir-se dos preconceitos políticos, e assim pronunciar-se com imparcialidade.

E isto, na realidade uma teoria bastante engenhosa, e que tem illudido a tores, alias distintos, que não tem uma sua absolutissima

Nos, que até hoje temos vivido perante um governo livre, e que temos como missão regenerar o paiz e as instituições, não podemos concordar com este poder que é tudo entre nós, e que tem sido a causa dos nossos males, ora protegido por um partido ora por outro, dos que tem militado, enganando o paiz.

E neste estado de cousas appellamos para o povo, unico soberano que devem reconhecer, e que a 7 de Abril manifestou com toda a pujança a sua soberania mostrando assim ao primeiro imperador, que não devia menos acabar aquelles quem elle deu todo quanto foi.

Já bem longe vão os tempos do direito divino, que é hoje impossivel ressuscitar. Os reis são hoje feitos pelo povo, governam em virtude de uma delegação, não são impostos. Quando por ventura a força bruta o consegue fazer, mais tarde ou mais cedo, esse governo, todo de facto, desaparece, porque não encontra apoio. Napoleão III teve em um bello dia a veleidade d'impôr ao Mexico utra rei, porém os Mexicanos, povo de herois, não descançaram enquanto não conseguiram, a despeito de todas as contrariedades, mostrar ao despotá francez a estultice de semelhante pretensão. A causa da justiça personificada em Juarez triumphou, e o imperador expiou em Quaretaro com a morte a sua audacia, pagando assim com a sua própria vida o sangue mexicano deramado pelas bayonetas francezas, com o unico fim de firmar uma dyndastia estrangeira, que não encontrava apoio no paiz.

Na America só podem medrar as ideias livres ella repelle com todas as forças, o despótismo, e nós estamos na America.

CHRONICA

Depoimento imparcial—
Na lei provincial n. 26, sancionada este anno pelo sr. Pires da Motta, depara-se-nos a seguinte resolução:

«Art. 4.º O governo providenciará afim de que os soldados do corpo policial, embora ordenanças das respectivas autoridades, não possam ser ocupadas no serviço doméstico das mesmas, e quaisquer objectos pertencentes ao corpo policial, e sómente sejam empregados no serviço do mesmo corpo.»

Que tal? um delegado conservador a fazer negociações aos seus correligionários!

Quando os deputados provincias denunciavam o indesculpável abuso de empregarem as autoridades os seus subordinados em serviços particulares, clamavam possessos os conservadores, condemnando esse procedimento, como uma profanação da dignidade d'aquele recinto, pela mesquinheza da censura, e como uma villania flagrante, pela falsidá de da imputação.

Pois bem! os deputados provincias querem justificar-se; apanharam toda a substancia das accusações que tinham levantado, resumem-na, encerram-na em um pequeno artigo de lei, e vão submeter-a ao sr. Pires da Motta, que o assigna, como testemunha insuspeita.

E ahi está a assemblea triumphant, e os conservadores.....corridos.

Não admira pois que, enquanto o velho cao da fazenda, lambe as mãos do antigo feitor, e mostra as presas aos escravos rebeldes, os cachorrinhos da senzala entrem ja a rosnar e a volver-lhe olhares de colera.

Declarações aprovavelas—O sr. Saraiva acaba de declarar no sentido o seguinte:

«A violencia do golpe de estado, porque subiram os conservadores ao poder, convenceu aos progressistas de que havia necessidade de reformas mais adiantadas, e elles fundiram-se com os liberaes historicos, desapareceu o meno e ficou o mais. Em compensação surgiu o mais que tudo—os radicais, que tanto acreditaram o nobre ministro da marinha (Apoiado do sr. Cotelipe).»

Mais aadeante s. ex. ainda nos diz:

«Em vez de dirigir ou acompanhar as idéas democraticas, (referindo-se ao ministerio) quereis suffocá-las; pois bem, se não arrepiaes carreira, o partido radical vos esmagará.»

O ministro da marinha confessa ter medo dos radicais, e o sr. Saraiva, que não é suspeito aos imperialistas, declara, que o partido radical hâde esmagar esta triste ordem de cousas.

Já não somos, pois, um grupo insignificante de loucos, sem significação no paiz.

Tanto melhor para a causa da democracia e para o futuro do Brazil.

O Diario e o administrador interino de S. Paulo—

Dois são os meios de expôr os empregados malversadores à justa punição dos delictos que cometem, no exercicio de seus cargos: denunciando pela imprensa os factos criminosos, para que os funcionários superiores possam d'elles inquirir, ou levando-os ao conhecimento da autoridade competente por meio de petição.

Si não vivemos em Constantinopla, deve o publico saber d'estas cousas, porque é com o dinheiro do povo que estipendiam-se as repartições.

Si não estamos sob o regimen de Varsóvia tem o accusado pleno direito de defender-se e provar toda vileza dos seus caluniadores, caso sejam falsas as accusações que lhe façam.

Nestas circunstancias pedimos a cincuenta redacção do «Diario de S. Paulo», a declinação dos crimes ou transgressões de lei committidas pelo sr. administrador interino do correio d'esta província.

Tomaiamo ás nos a defesa d'esse empregado, porque é nossa causa a defesa da verdade.

Um só deve ser o triunphio n'este combate intelectual, o da justiça.

Si o sr. administrador interino fôr criminoso que soffra as consequencias dos seus erros, porém si; pelo contrario, é elle vítima da malevolencia de algum inimigo despudorado, que nas trevas do anonymo vai ministrar inexactidões e calumnias á redacção do «Diario» preciso é que elle se eleve sobrencorrido diante dos miseraveis que perseguem-no por meios tão indignos.

ANNUNCIOS

A comissão encarregada da festa de SENHOR Bom Jesus do COLÉGIO desta cidadã, tem a honra de participar a todos os sr. fiéis devotos, que a festa do corrente anno terá lugar no dia 29 de Agosto corrente, precedendo as novenas que principiarão no dia 21.

S. Paulo 10 de Agosto de 1869. 2-1

Constituição

Consultorio médico-chirurgico
O dr. Cândido Barata, medico e operador, residente nesta cidade, tem o seu consultorio à rua da Boa-Morte n. 4, onde pôde ser procurado a qualquer hora d'õ dia ou da noite para os miseraveis de sua profissão, tanto para cidade como para fôra.

6-1

As Pilulas Catharticas

DO DR. AYER

As declaradas pelas sciencias chemicas e medicas superiores a tudo quanto existe, para produzir o mais perfeito purgativo, conhecido entre os homens. Provas innumeráveis têm demonstrado que estas PILULAS contêm virtudes, que sobrepujam aos demais remédios comuns e que têm obtido inqueparável estimão do genero humano. Agradáveis as paladar, elas são inteiramente inócuas e eficazes. Entre outras propriedades estimulam a accão vital do corpo, removem as obstruções dos organos purificam o sangue, purgam o dos maus humores que geram e aggravam as indisposições, fazem que os organos derregados recuperem e sua accão natural e comuniquem saúde e vigor a todo o systema. Não só curam os males comuns do corpo, senão tambem as enfermidades perigosas que affligem a maior parte do genero humano. E' o mais seguro e melhor medicamento que se pode dar aos meus. Estão cobertas d'assucré e por isso são agradáveis as paladar e, sendo plenamente vegetais não lhes causam danno. As curas que com elles se têm obtido, se não fossem comprovadas por pessoas vivas e de alta posição e respeito social, poderiam abrir margem á dúvida. Muitos medicos eminentes têm concordado para establecerem a sua reputação, testificando que esta preparação tem contribuido muito para alívio de sua clientela afflita.

O ALMANAK e MANUAL DE SAUDE do Dr. Ayer, que se encontra gratis em nossa agencia geral, contém direcções para o uso das PILULAS CATHARTICAS e certificações de curas, em casos de: Dores de Cabeça, Estomago sujo, digestaria, constipaçao ou prisão de ventre, falta de appetito, náuseas, indigestões, hemorroides, tétorica, rheumatismo, e todas as enfermidades que requerem um evacuante. Com efficacia para limpar o sangue e estimular o systema, curam também padecimentos tais, como Neuralgia, irritabilidade nervosa, desarranjos dos fígado e dos rins, gota, rúcula, coquista parcial, paroxismos, paralisia, supressões e enfermidades analogas que se originam no estado debilitade phisica e obstrução dos organos e funções.

Ha muitas e muitas espécies de PILULAS; mas o publico deve trazer em mente que as

Pilulas Catharticas do Dr. Ayer,
são o melhor remedio para todos os casos em que se precisa de um laxante.

São preparadas unicamente pelo

DR. J. C. AYER & CO.

Chimicos Practicos e Analyticos,
Lowell, Est. de Mass., Est. Unidos da America
e são vendidas no

IMPERIO DO BRASIL,

UNICO AGENTE, H. M. Lane,
18, RUA DIREITA, 18
RIO DE JANEIRO.

e nas principaes pharmacias e drogarias da Corte e Províncias.

DEPOSITO EM S. PAULO

Rua Direita n. 46.

Vigor do Cabello,
DO DR. AYER,

Para renovação do Cabello.

O Grande Empenho da Época!

O Vigor do Cabello é uma preparação no mesmo tempo agradável, sanduível e efficaz, para conservar o cabello. O cabello secço ou ruivo retorna á sua primitiva cor e brilho e o véu do cabello dos moços; o cabelo ralo, torna-se denso, o que cai, preserva-se e as calvas muitas vezes bem surpreendidas, com o seu uso. Quando as folículas estão enfermas ou as glandes atrofiliadas, não ha que possa reformar o cabello senão uma applicação creme e Vigor do CABELLO, a qual, exempta de substancias deletérias que tornam algumas preparações perigosas e injuriosas ao cabello, e muito dissemelhante a essas pastas e sedimentos que tanto concorre para sua queda, conserva-o limpo e forte e melhora sempre, sem poder damnificá-lo. Dest'arte o Vigor é o mais desejável dos ornamentos do

TOCADO.

Ele não contém óleo, nem tintura; não é capaz de manchar nem é malo à lençol de cambray; perdura no cabello, dá-lhe brillante lustre e espargi-lhe agradável perfume.

Depositorio geral no Brasil

H. M. Lane, 18, rua Direita.

UNICO AGENTE.

DEPOSITO EM S. PAULO

Rua Direita n. 46

Ao Propheta

JOÃO BAPTISTA PASCOUAU, tem a honra de participar a seus fregueses desta capital e do interior que mudou seu estabelecimento de roupa feita e alfaiataria, para a rua da Imperatriz (antiga do Rosario) n. 21, casa de 2 andares, aonde encontrarão sempre um escolhido sortimento de objectos pertencentes a este negocio.

N. B. Grande redução nos preços.

M.º Pascoau costumeira, no sobrado da mesma casa.

10-4

Correio Geral

Pela administração do correio geral se faz publico que acha-se marcado o dia 31 do corrente mês, para arrematção do serviço de transporte de malas do correio entre a cidade de Taubaté e Bananal. Todas as pessoas que a elle pretendem dirijam suas proposições em cartas fechadas a esta repartição.

Administracão do correio Geral de S. Paulo, 12 de Agosto de 1869.

Servindo de ajudante contador,

CLAUDIO DE MELLO.

10-7

Cambio

Tabella para se conhecer em reis Brazileiros — o estimativo do cambio Francez, Hamburgoz e Portuguez, segundo o estado do cambio sobre Londres, desde 12 dinheiros sterlinos, ou pences, por 10000 rs. até 27.

Esta tabella é muito util principalmente para os escriptorios das casas bancarias e commerciaes.

A venda no escriptorio do «Correio Paulistano». Preço 300 rs.

As pilulas de constipaçao do dr. Metoldi

Já tão vantajosamente conhecidas nesta capital e n'esta província se vendem, no largo da Sé n. 5 sobrado, em caixinhas desde 240 reis até 500.

Distribue-se com elles um directório para seu uso. João Laragnol.

20-20

DR. EMILIO VOUTIER

MEDICO CIRURGIÃO DENTISTA DA CAZA IMPERIAL.

Approvedo pelas facultades de medicina de Paris e do Rio de Janeiro.

RUA DO ROSARIO N. 9.

Dá consultas e tira dentes aos pobres gratuitamente todos os dias das 7 as 9 horas da manhã.

JUNDIAHY ALTA NOVIDADE

A Companhia Brasileira Equestre e Gymnastica de passageiros por esta cidade dará tres especiações, que constarão dos melhores trabalhos. O sympathetic artista Alberto e o jovem Lino farão maravilhas nos equilibrios japonezes, de nova invenção; o saito do beija flor sobre os pés; não só é admirável, como é espantoso!

Os artistas Teixeira e Cassiano são sem duvida neles os novos campeões de gymnastics que ainda não encontraram rival.

O baloo assignado, artista e director da nova companhia espera toda a protecção do ilustrado e generoso publico de Jundiahy em geral.

O 1º especiaçao terá lugar domingo, 22 de outubro.

ANTONIO CARLOS DO CARMO.

O abaixo assinado faz sciente que continua a lectio-

nar portuguez, gramática philosophica, frances, arithmetica, geometria, systema metrico, e os diversos métodos de ensino, na casa de sua residencia, por preços muito razoaveis.

Rua da Esperança n. 31.

B. VINCENT. 3-2